



Curso de Comunicação Audiovisual  
Imagem e Som A

Trabalho Individual / Grupo

Professor Manuel Guerra

Ano: 12º

Turma: P

Data: 2 de dezembro de 2016

## A FOTOGRAFIA

### Géneros fotográficos, enquadramento e corte

#### Etapas individuais

1. Inspirando-se no capítulo 7, do livro *A Câmara Clara*, de Roland Barthes (anexo B), selecione uma imagem de um fotógrafo de referência representativo do seu género fotográfico: retrato e paisagem, documentarismo, fotojornalismo, moda, surrealismo e ficções, fotografia portuguesa e fotografia contemporânea. Para o efeito, pode recorrer à Obra de fotógrafos referidos nos conteúdos específicos de cada género (anexo A).
2. Analise denotativa e conotativamente a fotografia escolhida nomeadamente quanto a: i) estrutura de composição e centro de interesse (linhas, massa/ enquadramento, perspetiva, tonalidade, movimento, escala/ grupo de plano, posição de câmara, ângulo de filmagem); ii) contexto espaço/ temporal e histórico/ social; iii) aspectos característicos do género fotográfico.
3. Realize três cortes/ reenquadramentos a partir da fotografia selecionada (mantendo a mesma proporção). Ordene as novas composições.
4. Apresente os aspectos determinantes do percurso e Obra do fotógrafo de referência, estabelecendo a ligação ao respetivo género fotográfico.

#### Etapas em grupo

5. Elabore a contextualização histórica e social do género: características, época de aparecimento, precursores, evolução, principais representantes e outras informações relevantes. Aborde os conteúdos específicos estabelecidos para cada género fotográfico (anexo A).
6. Reúna todas as etapas individuais, bem como o ponto 5 num único documento. O cuidado/ preocupação estética e a originalidade na organização visual do documento são parâmetros de avaliação.

O documento final incluirá obrigatoriamente bibliografia de acordo com modelo fornecido. Todos os trabalhos serão apresentados oralmente, com recurso a *power point* ou *software* semelhante.

### **Gêneros fundadores: paisagem e retrato**

- Evolução do género da paisagem marcado pela evolução dos processos/ substâncias sensíveis;
- Paisagem rural/ urbana;
- Gustave Le Gray;
- Minor White;
- A importância de Nadar para o desenvolvimento do retrato e o conceito de “retrato psicológico” como afirmação do individualismo;
- O olhar sobre o corpo: Man Ray, Nan Goldin, Richard Avedon e Robert Mapplethorpe;
- Retrato e autorretrato – encenação da identidade: Ana Mendieta, Andy Warhol e Francesca Woodman;

### **Documentarismo**

- Precusores da fotografia documental: Jacob August Riis e Lewis Hine;
- Margaret Bourke-White;
- O projeto *Farm Security Administration* e o nascimento institucional da ideia de documentarismo: Artur Rothstein, Dorothea Lange e Walker Evans;
- Diferenças entre documentarismo e fotojornalismo;
- Comparação de diferentes etapas no documentarismo ao longo do séc. XX;
- Raymond Depardon
- Documentarismo contemporâneo: Martin Parr;

### **Fotojornalismo**

- Diferenças entre fotojornalismo e documentarismo;
- Pioneiros da reportagem fotográfica (Arthur Fellig “Weegee”) e do ensaio (Gyula Halász “Brassai”);
- O papel do repórter e das agências;
- Agência Magnum (David Seymour, George Rodger, Henri Cartier Bresson e Robert Capa);

### **Moda**

- Revistas influentes (Vogue e Harper’s Bazaar);
- Adolph de Meyer;
- Richard Avedon e Irving Penn;
- Robert Doisneau;

### **Surrealismo e ficções**

- Reconhecer a fotografia surrealista como a grande viragem nas possibilidades ficcionais da fotografia;
- Analisar a obra de Duane Michals como síntese de aspetos realistas e ficcionais da fotografia e relação fotografia-literatura;
- Analisar a obra de Joel-Peter Witkin e a construção cénica do grotesco (o seu significado);
- Abordagem a Cindy Sherman – a desidealização da arte (contexto de recusa dos valores e temas da arte ocidental);

### **Fotografia portuguesa - 1ª Parte**

- Os pioneiros: Carlos Relvas, Cunha Moraes e Emilio Biel;
- Pioneiro do fotojornalismo: Joshua Benoliel;
- Anos 50 – década de viragem: a obra *Lisboa, Cidade triste e alegre*, de Vitor Palla e Costa Martins (lógica de montagem da edição) e as obras de Gérard Castello-Lopes e Sena da Silva (especificidade estilística e temática – introdução do flou, tremido, fotografia noturna sem *flash*);

### **Fotografia portuguesa - 2ª Parte e fotografia contemporânea**

- Anos 60/70 – fotografia experimental e conceptual: Ernesto de Sousa e Helena Almeida (a relação com as artes plásticas);
- Anos 80 e a afirmação de uma nova geração (António Júlio Duarte, Daniel Blaufuks, Paulo Catrica, Paulo Nozolino, Pedro Cera e José Luis Neto);
- A obra de Jorge Molder;
- A articulação entre a Fotografia e as disciplinas tradicionais das artes plásticas (Bernard Faucon, Berndt e Hilla Becher, Chema Madoz, Christian Boltanski, Mathew Barney, Sam Taylor-Wood, Sophie Calle, Susanne Thémilitz e Vic Muñoz).

«Decidi então tomar como guia da minha nova análise a atracção que sentia por certas fotos. Porque dessa atracção, pelo menos, eu estava seguro. Como designá-la? Fascínio? Não. Essa fotografia que eu distingo, e de que gosto, nada tem a ver com o ponto brilhante que se agita diante dos olhos e faz menear a cabeça; o que ela produz em mim é mesmo o contrário da estupidez. É antes uma agitação interior, uma festa, também um trabalho, a pressão do indizível que quer ser dito. Então? Interesse? Isso é pouco; não preciso de interrogar a minha emoção para enumerar as diferentes razões que podem levar-nos a interessarmo-nos por uma foto. Podemos desejar o objecto, a paisagem, o corpo que ela representa; amar ou ter amado o ser que ela nos dá a reconhecer; espantarmo-nos com o que vemos; admirar ou discutir o trabalho do fotógrafo, etc. Mas estes interesses são inconsistentes, heterogéneos; uma determinada foto pode satisfazer um deles e interessar-me pouco. E se uma outra me interessa bastante, eu gostaria de saber o que é que, nessa foto, fez *tilt* dentro de mim. Assim, parecia-me que a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atracção que certas fotografias exercem sobre mim era *aventura*. Uma determinada foto *acontece-me*, uma outra não.

O princípio de aventura permite-me fazer existir a Fotografia. De um modo inverso, não há foto sem aventura. Cito Sartre: “As fotos de um jornal podem muito bem “não me dizer nada”, o que significa que eu as olho sem lhes reconhecer a existência. (...). Aliás, podemos encontrar casos em que a fotografia me deixa num tal estado de indiferença que nem sequer efectuo a *mise en image*. (...)”

Neste deserto monótono, surge-me inesperadamente uma fotografia: ela anima-me e eu animo-a. É, portanto, assim que eu devo denominar a atracção que a faz existir: uma *animação*. A fotografia em si mesma não é animada em nada (não acredito nas fotografias “vivas”) mas ela anima-me: é o que toda a aventura faz».